

Resenha

KAHLO, Frida. *O diário de Frida Kahlo: um autorretrato íntimo*. Tradução de Mário Pontes; Introdução de Frederico Moraes. 3ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012. 280p.

ERRÂNCIAS, CORPO E PINTURA NO DIÁRIO ÍNTIMO DE FRIDA KAHLO

Rodrigo da Costa Araujo

Doutorando (UFF)

rodricoara@uol.com.br

“não posso fugir da minha vida, nem regressar a tempo ao outro tempo”.

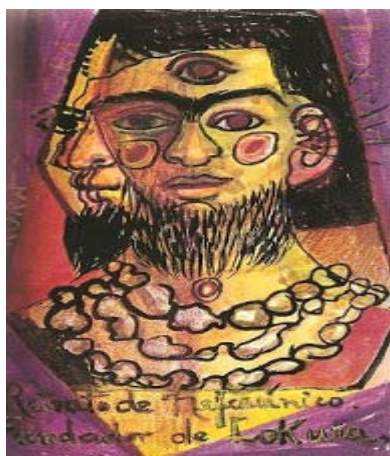
Frida Kahlo (2012, p.195).

O suntuoso e elegante diário de Frida Kahlo ou mesmo Magdalena Carmen Frida Kahlo (México, 1907-1954) - intitulado *O diário de Frida Kahlo: um autorretrato íntimo* (2012) - reeditado pela editora José Olympio é, antes de tudo, uma obra de arte. Nele, a vida mistura-se com a arte e a arte é a própria vida em pinceladas, confissões, autorretratos, perfis, errâncias, máscaras, teatralização do sujeito e beleza.

Todo o *Diário*, em capa dura, contracapas e interior é um convite para o olhar do leitor que procura, nessa miríade de signos, pistas, marcas ou gestos delicados da vida ou da arte da célebre pintora mexicana. Lê-lo, certamente, é aceitar a transgressão, o erotismo, a escrita visual e visceral, a dor ou a intensa alegria de viver, declarada pelos fragmentos: “Apesar da minha longa enfermidade, tenho uma imensa alegria de viver” (2012, p.242).

Aliás, a vida nasce nas cores fortes, nas declarações contundentes, nos traços e gestos da mão pela escrita ou pincel, no jogo aleatório das palavras ou nas paisagens que elas representam pelo signo linguístico ou visual. Tudo, de alguma maneira, busca, pela palavra e pela imagem um desejo persistente, errante e visceral que compõe: “o retrato ausente de uma só pessoa. Mas a cor de tua pele, de teus olhos e de teu cabelo (que) muda com o vento do México” (id., ibid., p.196).

A cor ou o jogo de cores funciona, no diário, como experimentação, metáfora chave para representar, além da vida e do amor, o corpo, as feições do rosto sombrio, a roupa colorida e seus acessórios, o cenário, a vida em processo vivo, ondulante e móvel, como, também, a cultura onde estão inseridos. De qualquer forma, a cor-pele é discurso que sugere, desde a capa e registros visuais, vestígios de uma poética vermelho-sangue que pulsa, vibra e circula pelo diário como pigmentação delicada e sensível de um corpo que escreve e se inscreve na gestualidade da escrita: “Experimentei os lápis apontados para o ponto infinito que olha sempre para frente: o verde-tépida e boa luz Magenta-asteca. velha tlapali sangue de atum, o mias vivo e mais antigo cor de pimentão” ((id., ibid., p.198).



Retrato de Neferúnico, Fundador da Lokura (2012 , p.47)

Escrever com o corpo, para Frida, significa, nesse caso, inscrevê-lo em suas pinturas, a maioria delas autorretratos e nos registros diarísticos, que pela visceralidade, expõe seus sofrimentos físicos, seus gritos de dor, como, também, suas mutações e limites do espaço de um quarto, numa cama de hospital. Além desses gestos, que se misturam com seu processo criativo, surgem confissões amorosas a Diego Rivera, seu amor permanente, seus encontros e concepção política. São, em todo o diário, em torno de setenta gravuras coloridas, diversos desenhos, cartas, poesias e autorretratos - intertextos que dialogam com sua obra pictórica, fatos políticos e marcas inconfundíveis de registrar e pensar a vida em seu cotidiano.

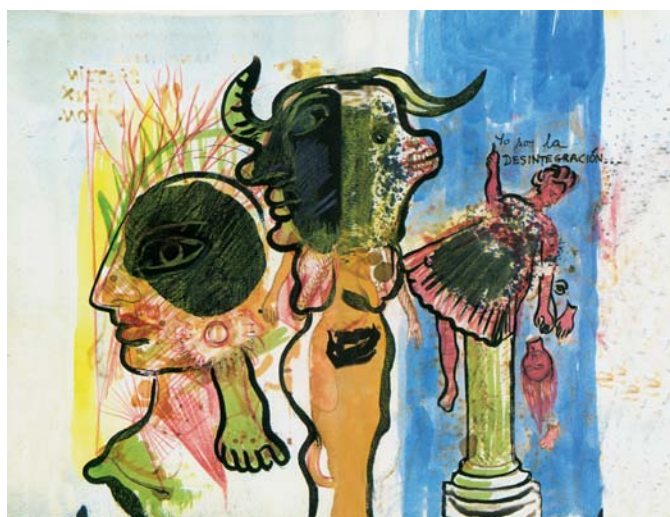
O mundo mistura-se, nesse diário íntimo e híbrido pelos gêneros que se imbricam, como quem aceita a fragmentação, o desejo, as cores, o biografema e as palavras para comporem um mosaico chamado Frida - jogo visual e poético que vai se revelando aos poucos pelo seu brilho, sem perder, contudo, a teia ou as relações em que o privado e o público se permeiam. Toda essa rede que o mosaico aceita, revela o emaranhado da cultura mexicana que atravessa, insistentemente, toda a poética da pintora.

As confissões e as pinturas são espécie de mapa e iniciação ao mundo colorido da famosa pintora que convida qualquer leitor a embarcar pela vida da artista e descobrir como a pele, a pintura e a dor misturam-se com o corpo e a escrita. Seus registros, além de revelarem esse permanente retorno ao corpo em diversas nuances, evocam não só sua pincelada, mas, também seu universo imaginário, povoado pelos símbolos da cultura mexicana. Frida é a prova definitiva de que não precisa de pés quem tem a imaginação como aliada.

Pelos traçados nas cores ou mesmo as tonalidades que ele representa, as pinturas lembram, em seus corpos e movimentos, signos da civilização indígena, citações do léxico de matizes e referências da cultura mexicana, respingados e incrustados numa escritura que deseja o tom vermelho sangue do atum. Isso fica visível quando o sujeito confessional afirma:

“Quem diria que as manchas vivem e ajudam a viver? Tinta, sangue, cheiro. Não sei que tinta usar qual delas gostaria de deixar desse modo o seu vestígio. Respeito-lhes a vontade e farei tudo o que perder para escapar do meu próprio mundo” ((id., *ibid.*, p.213).

O fragmento acima, de certa forma, além de reforçar as relações entre pintar e viver que se misturam no diário, trazem ao leitor, a consciência de pertencimento nacional que, também, aparecem, frequentemente, no modo inconfundível de se vestir da pintora mexicana.



Contracapa do Diário, de Frida

As pinturas das contracapas do diário, além das várias que compõem o interior da obra, revelam a busca do autorretrato em diversos traçados e tons, todos eles

reforçam as proximidades de arte com a dor, da vida com representações do sobrevivido para fazer arte, levando em conta as constantes dores e mutilações que sentia enquanto viveu. Suas pinturas estão entre as mais belas e originais jamais criadas: são um monumento ao espírito indomável e à força da artista.

O autorretrato - retomado do subtítulo e, também, paratexto do diário - pode ser lido em seus plurais, nas suas pluralidades de sentidos, porque é, sobretudo, uma criação imaginária da própria pintora, certo ponto de vista que a artista tem sobre si, que é retratado por meio da pintura ou, mesmo, dos registros pessoais. Esse ponto de vista assume certa uma imagem especular, feito Narciso que comparece e é chamado por muitos críticos de reflexo. Reflexo ou não, esse Narciso que ressurgue em diversas nuances, é ao mesmo tempo, um outro e o mesmo ser, uma identidade confirmada pelo reconhecimento e uma identidade roubada pela imagem ou pinturas.

A letra bem desenhada e legível com que inicia o diário em *fax símile*, ao longo do tempo e do folhear, vai-se vergando, à medida que se sucedem as confissões memorialísticas, os poemas com palavras aleatórias, fragmentos soltos e pensamentos arredios. A grafia torna-se, na medida do tempo e registros, inclinada, trêmula e maior ao longo das páginas; traça, visualmente, no corpo do texto, as vibrações e as dores do corpo físico. Por vezes, apesar de essas mudanças serem visíveis, a grafia acompanha o sofrimento, como quem deseja sua cor e poesia, transcreve seus sentimentos em significantes. Outras vezes, os desenhos acompanham as confissões, inscrevem-se nas tonalidades da força do gesto da mão e nos traçados dos desenhos, na tinta forte da caneta, nas rasuras e grifos, aparentemente, sem motivo. Ao final, todos esses recursos gráficos e visuais mostram-se por um palimpsesto maior que esconde outros textos, múltiplos discursos, tantas são as escritura em camadas e sobreposições.

A escrita do corpo, inscrita nos fragmentos, nas confissões, desenhos, rascunhos, cartas, poemas e pinturas é ela mesma, certa metalinguagem que funciona como estratégia para ler sua poética, sua arte e subjetividade, seu processo criativo e artístico. O corpo como metáfora, também, toma feições de máscara, alia-se à escrita e aos desenhos, para, a partir deles, assumir certa *performance*, revelar outros códigos semióticos, como confirma pela confissão: “Ninguém é mais do que uma função - ou parte de uma performance total: A vida passa e abre caminhos, que não são percorrido em vão” ((id., *ibid.*, p.233).

A vida teatralizada pelas máscaras e marcas vai-se revelando, pelos jogos de cores ou esconde-esconde, certa tragédia pessoal de Frida; vida, corpo, escrita e pintura marcados por acidentes, abortos, mutilações e sofrimentos, agora aparecem, registrados neste diário íntimo, único, silencioso e voraz como suas pinturas.